Residência RP Pediátrica
Publicação Oficial da Sociedade Brasileira de Pediatria

EDITORIAL

Editorial

Editorial

Luciana Rodrigues Silva[1]

A assistência médica requer sempre uma anamnese detalhada, um exame físico completo e sistematizado, alguns momentos de reflexão, a construção da formulação diagnóstica e a avaliação crítica e individualizada de cada paciente para a tomada de decisão sobre a investigação diagnóstica e a conduta terapêutica.

Todos estes passos precisam ser ensinados e aprendidos de modo minucioso e repetidos durante o exercício da Medicina, sempre com cuidado e atenção. A consulta representa o momento mais significativo da atuação do Pediatra e, durante sua realização, a relação dele com a criança ou adolescente e seus familiares é fundamental para que se estabeleça um vínculo, que contribuirá para um bom resultado.

A assistência integral do paciente pediátrico se baseia na identificação dos problemas físicos, psíquicos e sociais; na orientação preventiva e curativa, levando em conta sempre a fase de seu crescimento e desenvolvimento; e na compreensão de sua situação cultural e socioeconômica, além da percepção adequada do seu círculo familiar. O pediatra terá diferentes atitudes a depender da idade da criança ou adolescente, levando em consideração interesses, habilidades e medos mais comuns em cada uma das faixas etárias, bem como as aspirações dos pais.

O avanço incessante da Medicina jamais alterará a natureza humana do ato médico, que combina ciência e arte, competência técnica e sensibilidade. Daí, a necessidade de algumas características sobre as quais o pediatra precisa se conscientizar e se desenvolver para melhor exercer a Medicina. Dentre elas, destacam-se a empatia e a comunicação integradas ao conhecimento científico.

Na relação médico-paciente vários fatores estão em contínua interação: a instrução, a personalidade, a sensibilidade, a capacidade de empatia, a cultura, os preconceitos e os mitos dos indivíduos envolvidos. Neste processo, a comunicação adequada ocorre apenas quando se pode ouvir com atenção e afeto.

O médico deve conhecer as estratégias de comunicação que ampliam a compreensão e também fazer análises críticas de si e das pessoas com as quais se comunica, sobretudo por meio de olhares, gestos, tom de voz, posturas, distâncias e ênfases. É preciso estar atento ao modo como as palavras são empregadas em determinado contexto, ao dito e ao não dito.

Todos estes aspectos deveriam ser ensinados aos alunos de graduação e aos residentes. Em todas as discussões de casos clínicos, também dever-se-ia fazer exercícios de bioética. Um aspecto que nunca pode ser negligenciado é que todas as informações da consulta são estritamente confidenciais.

Os médicos mais jovens devem sempre fazer o exercício de se lembrar dos profissionais ou preceptores que lhes chamaram atenção e o porquê disso: se pela gentileza, pela empatia, pela habilidade na comunicação, pela sensibilidade ao dar uma notícia difícil aos familiares, pelo cuidado ao relatar uma doença grave ou a morte de uma criança.

Ressalte-se que, do mesmo modo como o médico avalia seus pacientes, o médico também é avaliado pelos pacientes e

[1] Presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP). Professora Titular de Pediatria da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Membro da Academia Brasileira de Pediatria (ABP).

seus familiares. A postura ética é indispensável para quem lida com a vida!

As relações entre os médicos e os pacientes e seus familiares também mudaram ao longo do tempo. As decisões hoje são mais compartilhadas e os pacientes mais conscientes de seus problemas. É função dos pediatras também estimularem crianças e adolescentes a se pronunciarem sobre suas questões e a desenvolverem o autocuidado e a responsabilidade sobre o seu corpo e a sua doença, contribuindo para a sua própria independência.

Vale lembrar, ainda, que o vínculo entre paciente, familiares e o pediatra pode se fragilizar nos novos sistemas de saúde, pelo desenvolvimento de uma relação impessoal, sobretudo em decorrência das múltiplas consultas feitas em serviços de emergência. Por isso, é indispensável que cada criança tenha seu pediatra e que, em todas as unidades de saúde e unidades hospitalares, ela seja sempre atendida por um especialista da área.

Muitas vezes, a atenção do médico é parte do processo terapêutico. Isso ocorre desde o acolhimento da criança e seus familiares, não se esquecendo que esse núcleo também precisa contribuir com a terapêutica ou ressignificar sua atuação junto ao paciente.

Outra questão importante é a relação do pediatra com outros médicos e profissionais de saúde. Caso ocorram problemas de comunicação, soluções também devem ser buscadas para um trabalho de equipe integrado, sempre em benefício do paciente.

Questões várias ocorrem no dia-a-dia do médico, as quais merecem reflexões permeadas pela doutrina e pela ética. Considero extremamente oportuna a edição da Revista Residência Pediátrica por trazer aos jovens pediatras pontos pouco discutidos na rotina da formação do especialista que cuida do recém-nascido até o adolescente.

Nesta edição, há artigos imperdíveis. Um deles trata de autonomia e riscos e traz aspectos sobre a comunicação adequada na relação médico-paciente-família. Para exercer o livre arbítrio ou escolher, é fundamental dispor de informação adequada e saber refletir. Um bom exercício para os residentes a partir deste texto seria exercitar a compreensão não verbal, entender os riscos inerentes à situação do paciente e compartilhar com os pais, sempre esclarecendo de modo claro, de acordo com a capacidade de entendimento dos mesmos.

Em outro artigo é abordada a ênfase do cuidado além da cura, estimulando a dignidade dos indivíduos até o fim da vida e nas doenças crônicas, considerando aspectos psicológicos e espirituais, o que pode ser de enorme aprendizado para os residentes e ampliar a perspectiva de vida. O texto se destaca, ainda, pela abordagem que faz sobre o alívio da dor e sua avalição periódica, bem como sobre a relevância do conhecimento dos fármacos e da existência da equipe multiprofissional.

Um dos textos traça a linha do tempo sobre a pesquisa com pacientes pediátricos e a evolução dos cuidados envolvidos mais recentemente nesta atividade, visando o respeito e a proteção das crianças e adolescentes.

As dificuldades envolvidas na detecção da morte encefálica e a necessidade de individualizar cada paciente, da humanização, do suporte à família e até de como avaliar a doação de órgãos, todas situações delicadas sobre as quais o médico deve se debruçar e refletir, são abordadas no quarto artigo que compõe esta edição.

Já os aspectos relacionados à comunicação de más notícias aos pacientes e seus familiares, uma tarefa árdua que precisa de treino, é discutida no artigo seguinte. O autor mostra a importância do preparo para ser portador dessas notícias, função que depende da empatia para ter êxito e na qual saber ouvir faz toda a diferença e é tão importante quanto a competência técnica!

No sexto artigo, o leitor encontrará um relato sobre o comportamento ético essencial e os cuidados com a exposição do próprio médico e de seus pacientes. Trata-se de uma reflexão sobre o respeito à dignidade e aos cuidados, sobretudo, no que se refere aos prontuários e às redes sociais.

Por sua vez, as características essenciais à relação do médico com seu paciente e familiares e a demonstração da prática humanizada como a mais eficiente, associando a competência técnica com o calor humano, são discutidas no texto seguinte, contribuindo para a riqueza da reflexão ética proposta.

Esta edição ainda traz uma análise sobre a responsabilidade do médico plantonista, situação muito comum para os mais jovens. É um alerta para que estejam atentos e envolvidos com as normas e as atividades desta função e que possam fazer uma autoavaliação, após cada plantão, a partir de suas atitudes e de sua interação com a equipe na qual estão inseridos.

Dentre os artigos desta edição há uma abordagem pertinente sobre a autonomia dos pacientes e sobre o livre-arbítrio nos pacientes pediátricos e suas famílias, considerando a vulnerabilidade e a fragilidade inerentes às crianças e aos adolescentes.

Diante desse leque de trabalhos de alta qualidade, resta-me elogiar os autores pela sua dedicação e recomendar a leitura integral da Revista Residência Pediátrica, em especial aos especialistas mais jovens, que encontram nesta publicação um instrumento poderoso para o exercício diuturno da autorreflexão em busca do aperfeiçoamento como médicos e como pessoas!